

O ESTADO DE S. PAULO

# CADERNO

# 2



**Livro defende o vazio urbano**

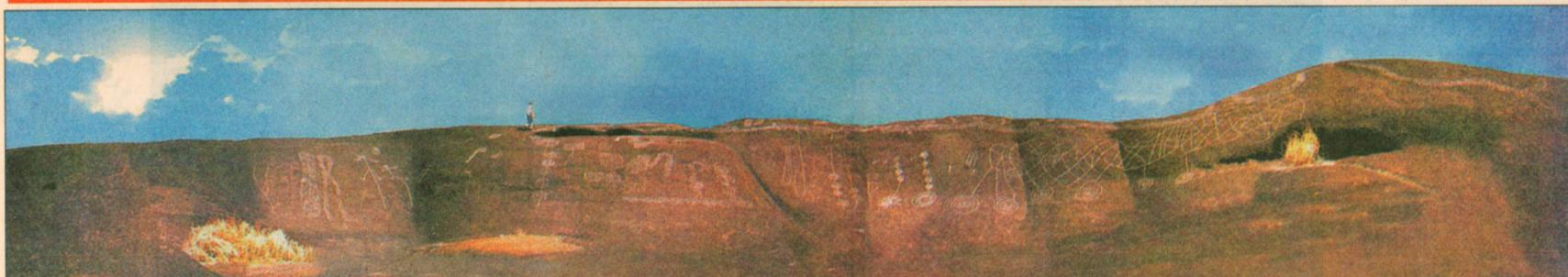
Estudo sobre a crise urbanística brasileira tem como tema Belo Horizonte. Pág. D8



**Ribenboim expõe em Berlim**

Artista leva à cidade alemã obras sobre a Coca-Cola já exibidas em São Paulo. Pág. D9

ANO IX NÚMERO 4.592 □ TERÇA-FEIRA, 6 DE JULHO DE 1999



O santuário da Pedra Preta, no Mato Grosso: cenário de 12 metros de altura por 70 metros de comprimento pode ser considerado o maior painel de pictografuras do mundo

## Expedição sai em busca da pré-história do Brasil

*Pesquisadores tentam provar que povos inteligentes viveram no País há 6 mil anos*

JÚLIO GAMA

Longo mais, depois de um almoço de despedida da civilização, um grupo de 12 pesquisadores brasileiros, alemães, franceses e austríacos parte de São Paulo em três caminhonetes rumo a cavernas, grutas, lapas e trilhas nos confins de Cuiabá e de Alta Floresta. O Mato Grosso é o ponto de partida da segunda expedição do Projeto Tapajós - Em Busca da Verdadeira Pré-História do Brasil, que pretende rodar 10 mil quilômetros durante 45 dias empenhada pelo Centro-Norte do País. Os pesquisadores vão recorrer à pré-história para corrigir a História do Brasil.

"Dentre os grandes povos navegadores, os portugueses foram os últimos a chegar ao Brasil", afirma o líder da expedição, o pesquisador alemão naturalizado brasileiro Heinz Budweg. Na volta a São Paulo, os pesquisadores esperam ter em mãos pilhas de anotações e registros em fotografia e vídeo que prometem reabrir o debate (e a polêmica) acerca do descobrimento do Brasil. O resultado da viagem deverá ser publicado em livro e as fotos devem compor uma exposição itinerante. O Projeto Tapajós é patrocinado pela Land Rover, Siemens e Bayer.

Ruínas, pinturas rupestres, gravuras esculpidas em pedras e inscrições rúnicas encontradas e catalogadas na primeira expedição, no ano passado, levaram o grupo de pesquisadores a concluir que, antes da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, em abril de 1500, o Brasil foi habitado por povos inteligentes de cultura civilizada, não-indígena, nada primitivos. Há 500 anos, portanto, Cabral teria apenas redescoberto o Brasil.

Em seu livro *A Construção do Brasil*, lançado no ano passado, o historiador português Jorge Couto já afirmava que outro navegador português, Duarte Pacheco Pereira, passara por aqui dois anos antes de Cabral, em 1498. O Projeto Tapajós, no entanto, volta alguns séculos.

"Os estudos da pré-história brasileira estão baseados apenas na cerâmica e, por isso, só registra a presença de civilizações indígenas", afirma Budweg. "A cerâmica existe e deve ser estudada, mas está na hora de se aceitar a existência de culturas paralelas, não-indígenas, que deixaram vestígios de trabalhos feitos com objetos de metal", continua o pesquisador. "Só que os índios nunca usaram instrumentos de metal."

Pelos achados do ano passado, que serão reestudados nes-



Tibiricá, Collet, Budweg, Edna e Adriano: parte do grupo que durante 45 dias vai pesquisar no Centro-Norte brasileiro

sa segunda expedição, três povos devem ter chegado ao Brasil em épocas diferentes, todos antes dos portugueses: os vikings, por volta do ano 1000; os normandos, no mesmo período; e os armoricanos, naturais da Normandia, pelo menos entre 4000 e 6000 anos a.C.

"Esses povos podem não se ter adaptado à nova terra por vários motivos", explica o espeleólogo francês naturalizado brasileiro Guy-Christian Collet, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia. Esses motivos podem ser a hostilidade dos nativos, as diferenças de clima e de alimentação ou a não resistência a doenças desconhecidas. "Esses povos podem ter retornado ao seu lugar de origem ou ter sido absorvido pelos locais", acrescenta Collet.

A peça-chave que aproxima os vikings, os normandos e os armoricanos é a utilização de embarcações a parafusos. Segundo os pesquisadores, os draggers, que antecederam em alguns séculos os projetos de caravelas usadas por portugueses e espanhóis. Pois imagens dessas embarcações, que lembram os draggers nórdicos, foram encontradas pela primeira expedição do Projeto Tapajós em inúmeras pinturas rupestres em vários pontos do País. "São tipos de navios usados há pelo menos 4 mil anos pelos armoricanos, mais tarde adotados pelos fenícios e que tem entre os vikings e os normandos os seus remanescentes", explica trecho do projeto. "A arqueologia tradicional trabalha em cima de fatos e o que estamos fazendo é apresentar es-



Figuras gravadas na Pedra Preta: instrumentos de metal



Pinturas rupestres: navio viking aparece nos desenhos

ses fatos", afirma Budweg.

**Maior painel do mundo** - Os pesquisadores do Projeto Tapajós documentaram pela primeira vez os desenhos da Pedra Preta, um conjunto de sete painéis feitos em baixo-relevo sobre um bloco de granito de 500 metros de diâmetro, localizado a 30 quilômetros do município de Paranaíta, no Mato Grosso.

Segundo os pesquisadores, o santuário da Pedra Preta de Paranaíta, como passaram a chamar o local, numa primeira análise, é o maior conjunto de pictografuras do mundo. O painel principal mede 12 metros de altura por 72 de comprimento. Os pesquisadores demoraram 20 horas e dois dias para cobrir os desenhos com giz branco até dar forma visível às imagens.

Paulo Liebert/AE

Gasparotto, responsável pela interpretação de pictografuras e desenhos rupestres; o pesquisador alemão Julius Mader, especialista em antigas culturas sul-americanas; o arqueólogo alemão Philipp Flörke, que estuda a pré-história das Américas; o pesquisador austríaco Helmut Zetti, estudioso em contatos pré-colombianos entre o Velho e o Novo Mundo; o russo Jakob Josifowitsch Gelblu doutor em filosofia e linguísta especialista em interpretação de palavras germânicas e eslavas na língua quêtschua do Império Inca e o fotógrafo e geólogo Adriano Gambarini.

**Pegadas humanas** - A expedição será dividida em três etapas. A primeira será a volta à Pedra Preta, de onde já chegaram informações da existência de cavernas sob o granito. Em seguida seguem para o vale do Rio Guaporé, na fronteira com a Bolívia, onde o grupo espera encontrar ruínas. "Estudos mais aprofundados podem mostrar a presença Inca no território brasileiro", diz Budweg.

Na terceira e última etapa, o comboio seguirá em direção ao Vale do Rio Taquari, próximo à localidade de Coxim, nos arredores do Pantanal. Os pesquisadores vão conferir informações sobre a presença da maior sequência de pegadas humanas (cerca de 30) esculpidas numa rocha e de inscrições rúnicas.

A presença de alinhamentos de menires na região de Palmas de Monte Alto vai levar a expedição para 500 quilômetros de Salvador, na Bahia. Símbolo da cultura megalítica, de aproximadamente 4 mil anos atrás, os menires são pedras levantadas em posição vertical, cuja altura varia entre 60 cm e 1,40 m, e seu alinhamento equidistante, como o que foi encontrado no Brasil, representa, provavelmente, um calendário. "Construções como essas são encontradas no Mediterrâneo, principalmente na Ilha de Chipre e na Córsega", informa Budweg. "Menires idênticos aos encontrados no sertão baiano também existem na Bretanha Francesa."

"A evolução é paralela em todos os lugares do mundo", diz Budweg. "Por que no Brasil seria diferente?", pergunta. O espeleólogo Collet resume: "Essas civilizações tentaram estabelecer-se no Brasil, mas não vingaram."



Pegadas humanas na rocha: maior sequência teria 30 pés